

JORNAL: Diário de Notícias (Artes Plásticas)
DATA: 03-10-68
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Trópico e Ordem
AUTOR: Morais, Frederico

TRÓPICO E ORDEM

Comentando a exposição de **Ivan Serpa** encerrada no último sábado, na Galeria Bonino, citei uma frase de Seurat ("Não há poesia no que faço. Eu apenas aplico o meu método — isto é tudo") com o objetivo de assinalar na obra de ambos artistas separados por quase 80 anos, o caráter construtivo de suas propostas. Mas, também, para, em salientando a ausência de uma poesia "literária", ressaltar um outro tipo de poesia, mais próxima da ciência. O seu conteúdo é outro e de sentido visual: as virtualidades do espaço, a vibração cromática, aquela ambiguidade estruturada de que fala Eco. Para Marcel Duchamp, o Neo-Impressionismo, do qual Georges Seurat foi a principal figura, inclusive na arte atual. Ora, a poética da "Op" (pintura retinica) é a que revela um mundo precário, transitório, inconsistente e fluídico, uma existência que escapa continuamente à cristalização ou permanência.

QUENTE/FRIO

Seurat esfriou o impressionismo ao sistematizar o emprego das cores em suas composições meticulosas. Recusando as impressões passageiras, e submetendo a composição à leis, aproximou-se de certos pintores clássicos, como por exemplo, de Piero della Francesca. Quem vê seus quadros tem a sensação de estar presenciando um desfile parado, uma paisagem congelada. **Ivan Serpa** também esfriou a paisagem ou melhor o tema erótico de seus desenhos. O erotismo inicial desaparece, cedendo lugar a uma ordem visual fria. Não é o torso nu, que interessa, mas as torsões rítmicas, que fazem lembrar, no plano da escultura, Jean Arp, assim como a monumentalização da figura apro

xima-se daqueles montões de carne da pintura antropofágica de Tarsila do Amaral. O corpo feminino é deformado, como que reinventado, atendido a uma necessidade de construção do desenho. Como Seurat, a meta de **Serpa** é uma espécie de vibração ótica: o ponto é mais o grânulo de uma fotografia ou a retícula de um clichê. Nele, a elaboração excessiva nega o erotismo: ou há um outro erotismo: o da forma (e da execução). Nos demais desenhos de linhas labirínticas, este caráter ótico é por demais evidente.

Cessam aqui as afinidades. E surgem as diferenças. Herbert Read via na arte uma forma de negação/oposição da natureza. Num país como o nosso em que prevalece a desordem natural e administrativa, a arte tende a buscar para si uma ordem, que permita sobreviver e modificar o ambiente. Neste sentido a pintura de **Serpa**, por ser construtiva, é realista. Ora, uma das qualidades atuais da pintura de **Serpa** é precisamente a sua nova cor, a claridade quente de sua fase amazônica. Seus novos quadros são como que visões aéreas, do vasto continente amazônico, assim como o verde sugere aquele "fora" gigantesco, pré-histórico, silencioso e intemporal que contorna e circunda o pequeno "dentro" da nossa paisagem física (e estes vazios e cheios são também econômicos, sociais, culturais). É pela cor pura, quente, luxuriante e faustosa - que **Serpa** reencontra forma, no império da ordem, que são efetivamente os seus quadros a linha barroca se faz sentir - contida, quieta, mas ainda assim presente. É a suprema ironia é ela, invariavelmente que, assinala o número, aquele momento, parada ou respiração que define o ritmo total do quadro. É esta linha barroca de sua pintura (curiosamente muito mais carregada de erotismo que o seu desenho) que liga sua obra atual à raiz verdadeiramente brasileira de nossa arte.

A importância da pintura de **Ivan Serpa** reside aí, na

presença simultânea e contraditória dos dois cōgitos que definem nossa cultura o cōgito irracional (o barroco e o trōpico) e o "cōgi to ergo sum" cartesiano, ou seja uma vontade de ordem e coerência já assinalada no barroco mineiro, em nossa arquitetura, no concretismo (poesia e artes plásticas).

Instituto de arte contemporânea